

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A LÍNGUA PADRÃO NA ESCOLA

Odair José Vargas

561
C92.56 9472

37:811

V9972

naô

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	62.72
Data	26 / 07 / 01

Pontes e Lacerda
2001

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A LÍNGUA PADRÃO NA ESCOLA

Ensaio Monográfico para a conclusão do Curso
de Licenciatura Plena em Letras – Universidade
do Estado de Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda.

Pontes e Lacerda
2001

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Salete Crestani Vargas, que lutou e sofreu, abdicou de sua vida por nós, não mediu esforços para dar o melhor para mim e para todos os seus filhos.

Mãe, sei que jamais poderei retribuir tudo o que fizestes por mim, por mais que eu tente, jamais farei o suficiente para devolver-lhe as noites, os dias e o imenso amor que dedicou e ainda dedica aos seus filhos.

Gostaria de poder dar vida às palavras, para que elas pudessem transmitir com eloquência e veracidade todo agradecimento e amor que tenho por ti. Minha mãe, mas não consigo escrever tudo o que mereces, por isso, do fundo do meu coração receba esta frase: Muito obrigado por me dar a vida e sobretudo por me educar para ela, eu te amo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter feito de mim alguém capaz de, aos poucos, realizar cada um dos meus sonhos.

À minha família, Genuino, Lisena, Salete, Rosane, Nédio, Kelvin, Rejane, Marcelo, Roseli, Ezequiel, Fabrício, Estela, que sempre apoiou-me nesta jornada, mais do que isso, me deu uma base sem a qual acredito que não conseguiria obter sucessos.

A todos os meus professores, por estarem à disposição e sanarem as dúvidas, em especial à professora Cleunice Maria de Andrade Silva, por ter se mostrado amiga nos momentos difíceis e crítica nas horas necessárias.

Ao Walmir Guse, prefeito de Conquista D'Oeste, por sempre ter dado um pouco de seu tempo e, de seu esforço a fim de conseguir meios de transporte e com isso possibilitar percorrermos a longa distância existente entre Conquista D'Oeste e Pontes e Lacerda e, acima de tudo por declarar e dar apoio àqueles que pretendem seguir nos estudos.

Ao Betão e Ednilson que eram apenas colegas, mas que com o passar do tempo, transformaram-se em amigos imortais. Meus amigos: quanta luta, quanto tempo dedicado, quanta indecisão, apreensão, quantas revoltas, quantos obstáculos, nervosismo, mas também, quanta alegria, sorrisos e conversas gostosas em muitas rodas de teréré, como é bom ter amigos como vocês e, como é bom podermos dizer: Conseguimos!!!

Ao José Medrado de Souza, que sempre mostrou-se disposto, sem jamais enervar-se com nossos desabafos dentro do veículo que o mesmo usa para nos transportar.

A todos os meus colegas de classe, imensa foi a alegria de conhecê-los, parabenizo e agradeço a todos que juntos comigo trilharam e chegaram ao fim deste caminho, por vezes penoso, mas gratificante ao final.

Ao meu amigo Gabriel Godoi que com sua conversa sempre bem humorada muitas vezes me deu ânimo para continuar, mesmo nos momentos mais difíceis e.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente participaram desta etapa de minha vida.

E não estamos falando apenas das 'aulas de português', mas de todas as disciplinas lecionadas na escola. Sim, porque todo professor é professor de língua, já que ele se serve da língua como meio de transmissão dos conteúdos que lhe cabe ensinar.

Marcos Bagno

SUMÁRIO

Apresentação	07
A Teoria	08
Sistematização dos Dados	16
A Análise	17
Considerações Finais	30
Bibliografia	32
Anexos	33
Anexo 1	34
Anexo 2	35
Anexo 3	36
Anexo 4	37
Anexo 5	38
Anexo 6	39

APRESENTAÇÃO

Partimos para execução deste trabalho impulsionados por uma inquietação que nos acompanhou durante a maior parte do curso de Letras.

Assim sendo, apresentamos neste uma pesquisa que tem como objetivo fundamental descobrir a importância que está sendo dada ao ensino da língua padrão na Escola Conquista D'Oeste, mais precisamente, na visão de dois professores e dois alunos da referida escola.

Para desenvolver a análise, colocamos as perspectivas de alguns estudiosos sobre "língua padrão e não-padrão", as quais constituem o apoio teórico para análise dos dados obtidos na pesquisa.

Apresentamos também, uma crítica sobre o ensino de línguas, segundo a Gramática Normativa, a qual é colocada em confronto com teorias que sugerem o estudo de línguas, sobretudo da Língua Padrão, a partir de outros métodos, que não se preocupam em seguir as regras gramaticais.

O material que serviu como "corpus" para o presente trabalho está em anexo.

Esperamos com este texto, que o leitor possa averiguar o tratamento que é dispensado ao ensino de línguas no referido estabelecimento, o que acreditamos não ser diferente nas demais unidades escolares.

A TEORIA

Dispusemo-nos a escrever neste trabalho sobre a importância real que está sendo dada ao ensino da língua padrão na sala de aula. Para descobrir se esse ensino é mesmo imprescindível na formação social e intelectual do aluno, procuramos encontrar luz nas palavras de estudiosos que se dedicam ao assunto, nos relatos de professores que atuam na Educação Básica e também em depoimentos dos alunos, pois cremos que são os professores e estudantes, os principais agentes envolvidos nesse processo e assim eles, podem através de suas opiniões influenciar as transformações na prática do estudo da língua padrão, ou qualquer outro componente do quadro curricular, pois segundo Possenti:

Qualquer projeto que não considere como ingrediente prioritário os professores – desde que estes, por sua vez, façam o mesmo com mesmo com os alunos – certamente fracassará. (POSSENTI. 2000:56)

Durante a preparação para escrever sobre este tema, encontramos duas visões teóricas bem distintas entre si, uma que defende o ensino da gramática normativa (Língua Padrão) de uma maneira bastante tradicional, oferecendo aos aprendizes regras e formações estruturais ditas como “certas” e condenando outras formas como “erradas”. De acordo com o gramático José de Nicola: *A ortografia prescreve a maneira correta de escrever as palavras, baseada no padrão culto do idioma. (NICOLA, 1999 : 41)*

Em consonância com o enunciado acima citado, podemos observar que para a gramática normativa existe apenas uma maneira aceitável de comunicação, aquela que obedece as regras da Língua Padrão ou culta.

Observamos, contudo, que mesmo entre os gramáticos da linha normativa, e descritiva encontramos estudiosos que, apesar de dedicarem-se única e exclusivamente ao estudo da norma culta, reconhecem o a existência e o valor lingüístico de outras variedades e/ou dialetos existentes no idioma falado em determinadas localidades, neste caso referimo-nos às variedades existentes na Língua Portuguesa “Brasileira”. Lemos na Gramática descritiva da Língua Portuguesa que:

Não existe simplesmente uma variedade “certa”. Cada situação de comunicação (ensaio científico, peça teatral, conversa de botequim, discurso de formatura, pedido de informações na rua, etc.) impõe uma variedade própria, que é a “certa” naquela situação. (PERINI, 2000: 25).

Ao fazer comentários como esse, Perini reconhece a existência e a importância das variações lingüísticas dentro da Língua Portuguesa, todavia isto não quer dizer que o mesmo deixa de lado as regras gramaticais, que funcionam como leis para o “bom uso” do idioma, pelo contrário, no decorrer do estudo de seu livro encontramos uma série delas, conforme provamos com o trecho a seguir: *Regra 3 (R3): O sujeito se interpreta como: agente, instrumento ou paciente (nessa ordem de preferências) (PERINI, 2000: 264).*

Estas são evidências que mesmo os gramáticos, os quais reconhecem a existência de variações lingüísticas, ainda não se preocupam em estudá-las, detendo-se apenas ao estudo da norma padrão, certamente considerada por eles como a mais importante na formação do indivíduo por ser mais útil na vida, principalmente profissional.

Existe nas escolas e nas gramáticas uma teoria de que se deve formar o cidadão para a vida, pois o mesmo deve estar apto a interpretar, criticar

e transformar o meio que o cerca, contudo é notável que na prática o estudo de línguas proposto pela gramática normativa e efetivado pelas escolas está utilizando ainda os conceitos já ultrapassados da Escola Tecnicista, cujo principal objetivo era ensinar regras e formar o indivíduo, especificamente para o trabalho, deixando de lado a função mais importante de uma língua, seja ela qual for, que é a comunicação entre indivíduos, a qual pode ser diferente, uma vez que a sociedade organiza-se em classes, cada uma com sua estruturação e associação social própria.

A outra visão teórica encontrada nos estudos que realizamos tem uma concepção que leva em consideração todos os aspectos aqui citados e analisados com relação a língua e suas variações, Marcos Bagno faz uma crítica aos julgamentos de ‘certo’ e ‘errado’. – *A fala da Eulália não é errada: é diferente. É o português de uma classe social diferente da nossa, só isso – explica Irene* (BAGNO, 2000:15)

Esta citação foi extraída do livro “a Língua de Eulália”, no qual o autor Marcos Bagno trata das diferenças e semelhanças existentes entre o Português Padrão e o Português não-padrão. Ele faz estas argumentações baseado no princípio de que, em se tratando de língua, não há certo ou errado, como está explícito na idéia proposta pela gramática normativa ou tradicional, o que há segundo esse autor, são formas diferentes de comunicação e cada uma dessas formas é completa dentro do contexto e do grupo social em que é utilizada, insistindo que essas diferenças devem ser aceitas, uma vez que na prática, o Brasil não possui uma unidade lingüística. Nesse sentido, Bagno afirma que:

No esforço enorme que temos de fazer diariamente para aceitar o outro, o diferente de nós, vamos incluir também a

aceitação de uma língua diferente da nossa. (BAGNO. 2000: 34)

Em uma análise mais superficial, remetemo-nos, a partir do enunciado acima, à penúltima citação de Perini, neste mesmo trabalho, na qual ele parece ter a mesma concepção de que há variações lingüísticas e que elas são certas em determinadas situações. Apesar dessa primeira impressão, precisamos reconhecer que existe um ponto crucial no qual demonstra-se uma ambigüidade muito grande entre a linha de pensamento dos dois autores, principalmente entre o que cada um deles toma como ponto de referência para o estudo de Línguas, vejamos o que ele diz:

Este livro é uma tentativa de descrição de uma variedade padrão da língua portuguesa. Por conseguinte ocupa-se basicamente da língua escrita. Gostaria de acentuar que isso não significa que as variedades coloquiais não sejam dignas de estudo ... (PERINI. 2000:25)

Em contraste com a fala de Perini temos um exemplo presente no livro de Bagno que pode retratar bem a diferença existente entre o pensamento e a proposta para a prática do ensino e estudo de línguas entre um e outro.

*– Quer dizer que é possível escrever uma 'gramática' do português não-padrão, do mesmo jeito como existem as gramáticas do português-padrão? – Pergunta Vera.
- Claro que é possível – responde Irene. – É nisso que estou trabalhando. (BAGNO. 2000: 31)*

Diante das duas afirmações anteriores, podemos perceber que os dois autores caminham juntos quanto ao reconhecimento da existência da forma

não-padrão, contudo é só até este ponto, pois quando eles começam a desenvolver a parte mais essencial de seus respectivos livros, o gramático Perini deixa aflorar seu lado tradicionalista e logo avisa que as variações são importantes e que elas devem ser estudadas. Até aí tudo bem, mas ele desvia-se dessa responsabilidade e, vai tratar das regras da gramática normativa, deixando o estudo do não-padrão para terceiros, caso alguém se interessar ótimo, caso contrário tudo bem também, o que novamente pressupõe que o português-padrão é melhor ou mais importante para esse autor.

Enquanto isso, Marcos Bagno assume responsabilidade e além de dar importância mais significativa ao não-padrão, ele inicia um estudo dessas variações, estudo que com aprofundamento e pesquisas tem como objetivo tornar-se, segundo ele mesmo uma “gramática” do português não-padrão.

O autor de “A Língua de Eulália” escreve que o principal motivo da discriminação das variações do Português não-padrão, reside no fato de essas serem utilizadas por classes sociais ditas inferiores e portadoras de baixo nível intelectual e social. Então, podemos entender que na verdade, o que está acontecendo atualmente é mais uma discriminação social, na qual valoriza-se o Português – padrão, falado pela classe mais rica e dominante e condena-se o Português não-padrão, utilizado na comunicação entre aqueles que já vivem em uma situação financeira e social desprivilegiada. Assim, *O P.N.P. não é “pobre”, “carente” nem “errado”. Pobres e carentes são, sim, aqueles que o falam, e errada é a situação de injustiça social em que vivem*. (BAGNO. 2000:63)

Essa concepção de que a desvalorização da variação lingüística provém da situação financeira e social em que os falantes nativos de tal modalidade se encontram é corroborada por Sírío Possenti que a esse respeito, em seu livro *Por Que (Não) Ensinar Gramática Na Escola*, escreve o seguinte:

O que há, também neste caso, são diferenças (aliás, nem tantas quanto às vezes se pensa). As diferenças mais importantes entre os dialetos estão menos ligadas à variação dos recursos gramaticais e mais à avaliação social que uma sociedade faz dos dialetos. Tal avaliação passa, em geral, pelo valor atribuído pela sociedade aos usuários típicos de cada dialeto. Ou seja: quanto menos valor (prestígio) têm os falantes na escala social, menos valor tem o dialeto que falam. (POSSENTI, 2000: 28)

Diante do exposto observa-se que todas as línguas e variações são completas e suficientes para a comunicação, isso em qualquer circunstância em que os falantes possam se encontrar, fica então, numa análise mais superficial, a dúvida: se cada dialeto é completo por que o indivíduo precisa aprender o Português Padrão na escola e qual o real valor do estudo dessa língua e suas regras gramaticais, uma vez que os alunos já dominam o Português não-padrão?

Esses são realmente pontos muito importantes sobre os quais estaremos nos debruçando no decorrer da análise, mais adiante, no momento procuramos a justificativa de tal estudo na teoria e existem muitas. Sírio Possenti, por exemplo, afirma que a escola deve ensinar o padrão. Segundo ele, *“O objetivo da escola é ensinar o Português Padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido.”* (POSSENTI, 2000:17)

O autor justifica essa afirmação dizendo que o aluno só tem a ganhar ao aprender uma nova modalidade para comunicar-se com falantes que por ventura dominem essas outras modalidades, em especial a variante padrão, isso por estarmos tratando de sala de aula. Ele afirma ainda, que aprender essa nova modalidade não é tarefa das mais complicadas o que anula as teses que defendem a ausência do português – padrão no currículo escolar. *Portanto,*

nenhuma das razões para não ensinar o dialeto padrão na escola tem alguma base razoável. (POSSENTI. 2000:19)

Uma vez aceito e comprovado pelos teóricos, o ensino do português padrão não é colocado como o que comumente pode-se pensar. O ensino dessa variação não deverá apoiar – se no ensino de sua gramática conforme proposto na gramática normativa, na imposição de regras. Possenti defende que se ensine em primeiro plano, a língua propriamente dita, por meio de projetos de leitura e escrita para, então, após o domínio da língua estar efetivado, partir para o processo de conhecimento de sua estrutura, isso porque, segundo ele, para obtenção de conhecimento e domínio de uma língua não é necessário o estudo de suas regras, pois se assim fosse, nenhuma criança aprenderia, uma vez que as mesmas não são expostas a esse tipo de ensino e cobrança, nem de língua e muito menos de gramática.

Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais. (POSSENTI. 2000: 54)

Observa-se após a análise da teoria, que o estudo do português padrão é fundamental e viável, para os alunos, contudo, o ensino da gramática é dispensável e que não se deve confundir o estudo de uma língua com o estudo de sua gramática, haja vista que o estudo de uma não está intrínseco ao da outra.

Além disso, é preciso ressaltar que o ensino do português padrão não justifica a condenação das variações lingüísticas. Essa modalidade deve aparecer como uma das várias possibilidades que o indivíduo dispõe para comunicar-se de maneira oral ou escrita, nas muitas situações em que poderá encontrar-se em sua vida. Tudo isso deve estar acompanhado de uma concepção que não se preocupa com a classificação do “certo” e “errado”, do “melhor” e “pior” do “mais” ou “menos” inteligente, pois tanto o português padrão quanto o português não-padrão são possibilidades, as quais o indivíduo, em especial o aluno, tem o direito de conhecer, como diz Sírío Possenti, *...aprender uma língua é aprender a dizer a mesma coisa de muitas formas. Não se deveria imaginar que existe uma só forma de falar...* (POSSENTI, 2000:92).

Embasados nas teorias aqui expostas, buscaremos elementos, analisando os depoimentos de alunos e professores, para ao final deste trabalho, sabermos qual é a importância real que está sendo dado ao ensino da língua padrão na escola atual.

SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Esta pesquisa foi realizada com professores e alunos da EE “Conquista D’Oeste”.

Os dados foram coletados da seguinte maneira: para os professores elaboramos duas questões envolvendo língua padrão e seu ensino na escola e, para os alunos elaboramos apenas uma questão envolvendo o ensino da língua padrão na escola.

Com o objetivo de preservar os entrevistados, não citaremos nomes e, os mesmos serão tratados como professor “A” e professor “B”, aluno “A” e aluno “B”.

Analisaremos os dados obtidos na pesquisa por partes, primeiro as respostas dos professores e depois a resposta dos alunos.

A ANÁLISE

Ao analisar as respostas dos professores, logo encontramos alguns aspectos que merecem ser destacados, observamos os seguintes trechos : *A língua padrão, seu nome diz tudo, é aquilo que deveria ser padronizado, moldado para todos* (professor “B”) e em consonância com essa afirmação o professor “A” disse que: *Porque mesmo que haja dialetos muito diferentes, há uma regra para todos.*

Baseados em estudos teóricos, sabemos que não há possibilidade de unificar um padrão lingüístico para todos os falantes de uma língua. Diante disso as afirmações dos professores parece-nos um equívoco, pois a Língua Padrão nada mais é do que a variante que goza de maior prestígio social e por isso ela é sim bastante utilizada na escrita, sobretudo em textos formais, o que não significa que todos necessitem utilizá-la na oralidade, em textos informais ou literários, etc. Quanto mais serem moldados para tal. Sobre isso Bagno afirma: - *Bem, nós já vimos as razões por que a tão celebrada unidade lingüística do Brasil não passa de um mito.* (BAGNO. 2000:27).

Na sequência da resposta, o professor “B” tece alguns comentários com relação à língua falada e escrita, afirma que não são iguais , pois segundo ele a forma oral ...acaba por absorver todo e qualquer tipo de linguagem que vá surgindo, sem se preocupar se isto é certo ou errado.

Aí temos mais uma situação que poderá atrapalhar este profissional e principalmente os alunos dele, pois quando todos estiverem envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de língua, haverá um entrave, a situação de julgamento do “certo” e “errado” e isso com certeza colocará o português padrão como certo e o português não-padrão como errado. Voltamos então à velha

prática do ensino de língua segundo a gramática normativa, na qual impera não o ensino de língua, mas sim o preconceito lingüístico. Em conformidade com esta afirmação podemos ter como exemplo a seguinte fala de Marcos Bagno.

Podemos, sim, mostrar que há duas formas em uso, em concorrência, e que cada uma delas tem um valor diferente. Não um valor lingüístico, porque são duas construções gramaticais perfeitamente lógicas e coerentes. Mas um valor social determinado pelo tipo de sociedade em que vivemos. (BAGNO. 2000: 188)

Continuando com suas considerações o professor "B" diz que a norma culta padrão está restrita a um grupo mais fechado, ou seja, uma pequena parcela da população, sendo que a grande maioria não domina e pouco conhece sobre esta modalidade da língua. Após esta reflexão o professor tenta, talvez, justificar o fracasso da escola no que se refere ao ensino de língua padrão dizendo: E, nós enquanto professores de Língua Portuguesa, encontramos vários obstáculos em trabalhar esses alunos que vêm de uma deficiência de conhecimento padrão.

Esta afirmação entra em confronto com toda teoria até aqui estudada, pois o mesmo trata o aluno como deficiente lingüístico e esta caracterização cairá sobre a grande maioria da população que utiliza o português não-padrão que, já sofre com a pobreza, isto é explicável porque numa rápida observação não poderemos negar que a parcela que não conhece a norma padrão, é sem dúvida a classe mais pobre, com esse tipo de classificação o professor, mesmo sem perceber, acaba por aumentar o sentimento de inferioridade já existente no aluno, devido a sua posição social desprovida de qualquer prestígio. Isso prova que o referido professor ignora totalmente o conhecimento não oficial e isso poderá prejudicar a aprendizagem de um aluno que na verdade possui a

mesma capacidade dos outros, contudo a partir desse momento, fica notável que tem e nunca terá a mesma valorização e as mesmas oportunidades, este fato ocorre porque o aluno é tratado como deficiente lingüístico .

Atitudes assim são condenadas por uma teoria que sugere o ensino sem preconceitos, como exemplo citamos o que Marcos Bagno escreve ao se referir a este assunto.

Os professores, administradores escolares e psicólogos educacionais tratam o aluno pobre como 'deficiente' lingüístico, como se ele não falasse língua nenhuma, como se sua bagagem lingüística fosse 'rudimentar', refletindo consequentemente uma 'inferioridade' mental. Isso cria, no espírito do aluno pobre, um sentimento de rejeição muito grande, levando-o a considerar-se incapaz de aprender qualquer coisa. (BAGNO. 2000: 29)

Para reforçar a tese de que os alunos não são “deficientes”, recorremos também a Sírío Possenti que, ao escrever sobre os “erros escolares” ressalta que pelo fato de estar aprendendo uma variedade nova, o aluno tende a formular hipóteses e, se caso algumas forem inadequadas, *não cabe encará-los como marcas de uma deficiência intelectual incurável.* (POSSENTI. 2000 p. 87).

Ainda, respondendo à primeira questão o professor “B”, afirma que hoje há pouca preocupação em falar e escrever bem, segundo ele, os alunos preocupam-se apenas em ter um certificado, sem ao menos parar para analisar se são realmente capazes ou não de produzir um texto bem estruturado, se conseguem interpretar um texto com criticidade, etc.

A respeito desta afirmação, podemos observar dois aspectos bem interessantes, primeiro destacamos o momento em que ao se referir aos alunos, o professor diz: *hoje pouco se preocupa em falar bem e escrever bem, eles*

preocupam em ter um certificado apenas, ao fazer esta afirmação fica implícita a sugestão de que na concepção deste professor para falar e escrever bem o indivíduo necessita estar preocupado em seguir a norma padrão, isso em qualquer circunstância.

Acreditamos que se o professor conhecer e tiver uma nova perspectiva no que diz respeito ao ensino de línguas, esse profissional terá a oportunidade de perceber que está preso a um conceito já ultrapassado, pois o fato de falar ou escrever bem não está intrínseco ao de utilizar uma ou outra variante lingüística. Como vimos falar ou escrever bem está mais associado à situação e ao contexto em que o indivíduo está inserido em determinado momento de sua vida, é como diz Perini. *É 'errado' escrever um livro de economia em coloquial, mas é igualmente 'errado' namorar ou conversar com os amigos utilizando o padrão.* (PERINI. 2000: 25).

No segundo aspecto, observamos, no trecho a seguir: *preocupam-se em ter certificados e não param para analisar se conseguem interpretar um texto com criticidade, etc.*, que o professor refere-se aos alunos que não conseguem ter um bom desempenho no aprendizado nas aulas de Língua Portuguesa e, com a colocação acima transfere a eles toda responsabilidade pelo fracasso, pois insinua que os mesmos não aprendem simplesmente por não estarem interessados em aprender e, essa justificativa deixa professor e escola numa situação bem cômoda, uma vez que os mesmos ficam isentos de qualquer responsabilidade ou “culpa”, em relação ao baixo nível de aprendizagem de línguas na escola. No entanto, há que se observar, entre outros, um fato relevante neste caso, o que será que leva o aluno a perder o interesse nas aulas? Poderíamos dizer que os métodos utilizados pelo professor para “ensinar” são um dos maiores responsáveis por isso, pois os mesmos não se apresentam eficazes para que sejam realmente criadas condições capazes de estimular o aluno a

aprender uma nova modalidade lingüística, que não conseguiu aprender até o momento por não estar sendo tratado como ser humano capaz de produzir conhecimentos e interagir-se no meio, isto porque ele é visto apenas como uma máquina gravadora de conceitos, ou como animais a serem treinados.

Ter uma concepção clara sobre os processos de aprendizagem pode ditar o comportamento diário do professor de língua em sala de aula. Por exemplo, se ele dá aos alunos exercícios repetitivos (longas cópias, exercícios estruturais, preenchimento de espaços vazios etc.), é porque está seguindo (saiba ou não – daí a importância de ter idéias claras!) uma concepção de aquisição de conhecimento segundo a qual não há diferenças significativas entre os homens e os animais em nenhum domínio de aprendizagem ou de conhecimento. (POSSENTI. 2000: 24)

Considerando que é grande a prática da imposição deste tipo de ensino, não fica difícil descobrirmos a razão pela qual os alunos não se interessam em aprender línguas e, ao contrário da suposta isenção, esse fato revela ainda mais a responsabilidade da escola e dos professores, no que se refere ao fracasso dos alunos, na aprendizagem de línguas.

Ainda com relação à primeira questão, na resposta do professor “A” destacamos o seguinte enunciado: *Por isso podemos dizer que a língua padrão é o “dialeto nacional”*, tal afirmação também nos parece equivocada, haja vista que no decorrer deste texto já tratamos do assunto e acreditamos ter ficado claro a não existência de uma variação que possa se apresentar como a língua utilizada por todo povo de uma nação. O tal dialeto nacional, ou a unidade lingüística, é como diz Marcos Bagno: não passa de um *mito*, portanto nenhuma das variações pode ser considerada como língua nacional, pois para que exista um *dialeto*

nacional seria necessário que toda população do país não só conhecesse como praticasse esse dialeto.

Passamos agora a analisar a segunda questão que teve como princípio básico buscar nas respostas dos professores argumentos que os mesmos consideram ser capazes de justificar o ensino de língua padrão na escola.

Na resposta do professor “A”, selecionamos apenas um enunciado como merecedor de destaque, é quando ele escreve: Portanto, ensinando a língua padrão é possível manter uma unidade na linguagem nacional. Não nos estenderemos em tentar fazer mais argumentações a respeito da unidade lingüística nacional, sobre a qual refere-se o professor “A”, é necessário, no entanto, dizer que de acordo com tudo o que até aqui foi escrito, o mito da unidade lingüística, jamais servirá como justificativa para o ensino do português padrão na escola.

Na resposta do professor “B”, encontramos muitas idéias passíveis de reflexão, iniciamos com o seguinte trecho, Às vezes, nos confundimos ao dizermos que não devemos cobrar do aluno, mas somos responsáveis para estarmos transmitindo esse conhecimento ao aluno.

Do trecho acima, destacamos duas falas , sendo a primeira devemos cobrar do aluno, entendemos que o professor, ao fazer tal afirmação indique um ensino no qual “deve-se fazer” com que o aluno incorpore a língua padrão meio que à força, tendo como principal método para assegurar a aprendizagem, a exigência, a cobrança, esta metodologia como sabemos, no ambiente escolar mostra-se cruel, capaz de excluir e humilhar. Por esses motivos, não acreditamos que este seja o melhor método, na verdade podemos dizer que é um dos piores, e para reforçar, permitimo-nos usar a fala de Sírio Possenti que sobre esse tema diz:

Como aprenderam? Ouvindo, dizendo e sendo corrigidas quando utilizam formas que os adultos não aceitam. Sendo corrigidas: isto é importante. No processo de aquisição fora da escola existe correção. Mas não existe reprovação, humilhação, castigo, exercícios de fixação e de recuperação etc. (POSSENTI. 2000:48)

A segunda fala que destacamos é: *...somos responsáveis por estarmos transmitindo esse conhecimento ao aluno.* Neste caso, observamos que o professor considera os alunos como sendo meros receptores de conteúdos e os professores como detentores de conhecimento, cabendo portanto, aos últimos **transmitir conhecimentos** aos primeiros, certamente por considerar que os discentes não são capazes de produzi-los, pois estes estão aptos apenas para receber os conteúdos esmiuçados pelos professores.

Seguindo na análise do texto do professor “B”, encontramos outro trecho merecedor de destaque. O professor fala sobre língua e gramática da seguinte maneira: *...c/ já dizia Luis Fernando Veríssimo ‘A Gramática é o esqueleto da língua’ e como tal, uma depende da outra para que possa estar em sintonia. Não dá para separar a gramática da língua.*

Observamos neste trecho que o professor “B”, assume neste momento, uma posição normativista, pois o mesmo deixa claro no texto acima que, para ele, a língua depende da gramática e ambas são indissociáveis, tal afirmação nos permite entender que este professor terá dificuldades para oferecer um bom ensino de línguas, uma vez que de acordo com o que disse, provavelmente tomará o ensino de língua como o ensino de gramática e o ensino de gramática como ensino de línguas.

Estamos convictos de que o conceito de ensino, defendido pelo professor, esteja equivocado, pois existe uma teoria que propõe o ensino de

línguas independente do ensino da gramática, sobre isso Sírío Possenti afirma que:

É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada. A maior prova disso é que em muitos lugares do mundo se fala sem que haja gramáticas codificadas, e sem as quais evidentemente não pode haver aulas de gramática como as que conhecemos. (POSSENTI. 2000: 54)

Acreditamos assim, ter ficado claro que para o ensino de línguas não só é possível como necessário a separação da língua de sua gramática, porque de acordo com Possenti, *conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra* (POSSENTI. 2000:54).

Na tentativa de justificar o ensino da Língua Padrão e sua gramática na escola, o professor usa um dos recursos mais conhecidos que é a necessidade de tal conhecimento para que o aluno possa se dar bem nos concursos e vestibulares:

Sabemos também que, nos concursos de vestibulares, enem entre outros eles visam avaliar o conhecimento da Língua Portuguesa é o seu próprio domínio, ou seja, que o aluno seja capaz de ler e interpretar textos, que conheçam a norma culta... etc, e por ai vai. (PROFESSOR "B").

No trecho acima temos uma justificativa para o ensino da língua padrão, contudo essa justificativa não é válida para uma escola que tenha como objetivo o desenvolvimento intelectual, que torne a construção de conhecimento como um direito do aluno, isso porque uma escola que agir a partir desses princípios não se preocupará com concursos e vestibulares, ela estará preocupada sim em criar condições que possibilitem e estimulem a aprendizagem como

enriquecimento cultural e não com fins de responder às perguntas das provas que o indivíduo poderá encontrar no seu caminho.

Cremos que a escola ao tomar as provas como justificativa para o ensino, está, sem dúvida, caminhando para se tornar insignificante na formação do cidadão, pois suponhamos que haja uma reformulação nos métodos de classificação e escolha para ingresso nas universidades em funções profissionais extinguindo os concursos, qual seria a função da escola; se ela mostrar-se preparada apenas como preparadora de cérebros para as provas? Entendemos então que a escola deve repensar e refletir para que possa anunciar novos objetivos e sobretudo novos meios para que os mesmos sejam alcançados.

É necessário fazer ainda, um comentário, supondo que a escola necessite trabalhar para possibilitar o sucesso de seus alunos em provas e vestibulares, ainda assim não fica provado o ensino de língua apenas a partir da gramática; por razões óbvias, primeiro porque na maioria dos casos o aluno não irá aprender, e também devido ao fato de em todos os concursos e provas de línguas não existirem apenas questões de gramática, ou seja, com esse pretexto a escola pode justificar o ensino da Língua Padrão, não o da gramática, vejamos o que Sírío Possenti fala quando refere-se ao assunto:

Quando se discute ensino de língua e se sugere que as aulas de gramática sejam abolidas, ou abolidas nas séries iniciais ou, pelo menos, que não sejam as únicas aulas existentes na escola, logo se levantam objeções baseadas nos vestibulares e outros testes, como os concursos públicos, nos quais seria impossível ser aprovado sem saber gramática. Claro que este fato deve ser considerado. Mas, adequadamente. Se verificássemos os fatos e não nossa representação deles (fora o achismo!), veríamos que o conhecimento explícito de gramática não é tão relevante nessas circunstâncias. (POSSENTI. 2000: 55)



Analisando de forma global as respostas dos professores, podemos perceber uma que os mesmos revelam-se praticantes da gramática normativa em seus métodos de ensino de línguas e assim sendo punem aquilo que não é oficial o que pode-se observar quando falam em “moldar”, “cobrar do aluno”, “há uma regra para todos” e “manter uma unidade na linguagem nacional.”

Com esta visão do ensino, os professores não conseguem justificar a presença da Língua Padrão na escola a não ser como preparação para vestibulares e concursos.

Analisaremos agora as respostas dos alunos nas quais poderemos observar o reflexo da prática efetivada pelos professores em sala de aula.

Para os alunos fizemos a seguinte pergunta. Você acha que deve ser ensinado gramática na escola? Por quê?

O aluno “A” disse que esse assunto é muito importante e, baseou-se única e exclusivamente em regras para justificar tal importância. Ele não conseguiu argumentar nada, ao contrário em sua resposta expôs exemplos de regras e concordâncias, as quais encontramos facilmente nas gramáticas tradicionais.

Sabendo que este aluno está cursando o Ensino Médio e, portanto já passou no mínimo cerca de 8 ou 9 anos na escola, podemos constatar que todos os professores de língua que trabalharam com este aluno, não tentaram “ensinar” língua Padrão, uma vez que o aluno demonstra ter pouco conhecimento a esse respeito. Fica notório que sempre expuseram a ele a gramática e suas regras e que por isso mesmo ele apresenta certa dificuldade de argumentação e estruturação de sua resposta, certamente por ter sido “moldado”, como diz o professor “B”, a usar regras e não educado para fazer uso da língua em situações práticas reais. Ou seja, ele sabe falar alguma coisa sobre língua padrão, sua gramática, estrutura

e regras contudo não sabe fazer uso dessa língua em sua vida, isso certamente porque a prática de leitura e produção de texto não deve ter sido tomada como atitude fundamental para oferecer oportunidade de aquisição de uma nova modalidade de língua.

Sabendo-se que aprendemos a falar ouvindo e falando, então ler e escrever têm papéis infinitamente importantes para o aprendizado da língua padrão, sobretudo porque esta será utilizada principalmente na forma escrita, vejamos o que diz Sírio Possenti quando trata sobre a melhor maneira de se ensinar/aprender línguas na escola:

Ler e escrever não são tarefas extras que possam ser sugeridas aos alunos como lição de casa e atitude de vida, Mas atividades essenciais ao ensino da língua. Portanto, seu lugar privilegiado, embora não exclusivo, é a própria sala de aula. (POSSENTI. 2000: 20)

O aluno “B” a exemplo do “A” também concorda com o ensino da língua padrão na escola e, ao contrário do “A” que tenta definir língua por meio da gramática, este faz argumentações e expressa-se com certa clareza a respeito dos motivos pelos quais ele acredita ser importante estudar língua padrão na escola.

O aluno “B” define a língua padrão assim:

É, uma matéria que nos ensina a linguagem correta, e uma escrita legível.

Observamos neste trecho que, ocorre com este aluno o mesmo fenômeno que ocorreu entre os professores, quando solicitado a falar sobre língua, falou sobre gramática, ou seja, ao confundir o estudo língua com o estudo

de gramática o professor acaba por passar esta visão, que como já dissemos é equivocada, aos seus alunos. Na verdade podemos perceber no mesmo trecho mais uma característica apresentada pelos professores, pois quando o aluno escreve “*linguagem correta*”, ele obviamente, já está incorporando o discurso dos professores, o que mostra uma concepção que tem a respeito da norma padrão, a única forma considerada correta para a comunicação através da língua.

Na sequência de sua resposta, o aluno escreve que *precisamos da gramática no trabalho, porque devemos estar prontos para enfrentarmos grandes profissões*.

No trecho acima podemos comprovar que a escola ainda está formando para o trabalho, ou, pelo menos é o que passa para seus alunos, haja vista a preocupação deles em *enfrentar* as profissões, parece até que ao exercer uma profissão o indivíduo estará em uma guerra constante e, se não estiver armado com um conjunto de regras “certas” para combater, jamais vencerá uma batalha, quanto mais a guerra. Este exemplo parece meio fora dos padrões, todavia é essa a sensação que nos passa quando o aluno diz *enfrentarmos grandes profissões*, sensação de guerra e uma guerra na qual o inimigo a ser superado é um gigante, quase que imbatível.

Neste mesmo trecho temos claro a visão Tecnicista: formar para o trabalho, discurso este que o aluno incorpora, certamente porque foi transmitido a ele por seus professores. De acordo com os estudos desenvolvidos vimos que a escola não deve ater-se à funções tão pouco expressivas. Seria interessante que a escola e os professores estivessem preocupados em abrir para os alunos, um leque de oportunidades, capaz de prepará-los para que se sobressaíam com facilidade nas várias situações que possam encontrar em suas vidas, no caso da língua padrão, seria interessante que em primeiro lugar o aluno pudesse conhecer

e reunir condições para que a utilize, caso necessário, para depois pensar em estruturas e na utilização dessa modalidade enquanto profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados constatamos que os professores pesquisados confundem o ensino da língua padrão e da gramática, com isso tentam ensinar a língua por meio de regras gramaticais, que funcionam como base para valorizar o português padrão (sua gramática na verdade) e desvalorizar o português não-padrão. cremos que agindo desse modo, a escola nega o dialeto trazido pelo aluno por considerá-lo "errado". Assim faz com que o aluno perca o interesse em aprender uma nova modalidade da língua, e conforme a pesquisa desenvolvida isso acaba por impossibilitar o sucesso na aprendizagem.

Observamos também que os professores não conseguem expor justificativas convincentes para o estudo do português padrão na escola, porque em todas as tentativas eles apenas dizem que é importante, mas não justificam os motivos dessa importância, quando justificam fazem isso equivocadamente, pois as maiores justificativas que encontramos foi que é para haver uma unidade lingüística, ou para preparar-se para concursos e para atividades profissionais.

Nenhum dos professores comentou sobre abrir possibilidades, ou em oferecer um enriquecimento cultural ao aluno. Notamos ainda que os alunos incorporaram a concepção de seus professores e, para os discentes, estudar língua padrão tem o mesmo significado que estudar gramática, isto é, *para falar bem e escrever bem, da maneira correta*, porque isso dará a eles a possibilidade de *enfrentarem grandes profissões*.

Enfim, verificamos que a escola, sabendo ou não, talvez não saiba por não ter o que Sírio Possenti chama de *idéias claras*, não está dando importância nenhuma para o ensino de Língua Padrão. Apesar de seus

professores, com raras exceções, afirmarem que este ensino é muito importante para o aluno, o que se pratica na escola de hoje é sim o ensino da gramática normativa, o estudo de regras, a discriminação, o que cremos estar muito longe de ser o ensino proposto para a língua padrão e mais distante ainda de possibilitar um aprendizado com sucesso.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. A Língua de Eulália: Novela Sociolinguística. 6. ed.— São Paulo: Contexto, 2000.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

NICOLA, José de. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa / José de Nicola, Ulisses Infante. 15 ed. São Paulo: Scipione, 1999.

PERINI, Mário A. Gramática Descritiva do Português. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. Por Que (Não) Ensinar Gramática na Escola. Campinas SP. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

TERRA, Ernani. Curso Prático de Gramática. São Paulo: Scipione, 1991.

ANEXOS

ANEXO 1

1 – Faça algumas considerações nas quais contenha o que você entende por língua padrão:

Professor “A”

Língua Padrão é a língua culta, a “Gramática” como dizem os simples. Por que mesmo que haja dialetos muito diferentes, há uma regra para todos os dialetos de uma nação, do mesmo modo que em um lugar existe pinheiros e em outros mandacarus, o homem, de acordo com o seu convívio com a natureza, se transforma todo. Sendo assim, ocorre a transformação na linguagem.

A pessoa transmite o ambiente em que vive mas, sempre num lugar ou noutro, de acordo com a regra da língua oficial. Por isso podemos dizer que a língua padrão é o “dialeto nacional”.

Obs. Mantida a grafia original.

ANEXO 2

1 – Faça algumas considerações nas quais contenha o que você entende por língua padrão:

Professor “B”

A língua padrão, seu nome diz tudo, é aquilo que deveria ser padronizado, moldado para todos. Entretanto, como a língua falada não é como a língua escrita, estática e sem movimento, ela acaba por absorver todo e qualquer tipo de linguagem que vá surgindo, sem se preocupar se isto é “certo ou errado”. Porém, a norma culta ela existe muito mais na parte escrita que oral.

A Língua padrão restringe a um grupo mais fechado e a grande massa popular não domina e pouco conhece sobre a língua padrão. E, nós enquanto professores de Língua Portuguesa, encontramos vários obstáculos em trabalhar esses alunos que vem de uma deficiência de conhecimento da língua padrão.

A nossa realidade é que hoje pouco se preocupam em falar bem e escrever bem, eles preocupam em ter um certificado apenas, sem ao menos parar para analisar se são realmente capazes ou não de produzir um texto bem estruturado, se conseguem interpretar um texto com criticidade, etc.

Obs. Mantida a grafia original.

ANEXO 3

2 - Você acha que a Língua Padrão deve ser ensinada na escola? Por quê?

Professor “A”

Sim. Pois é de fundamental importância que a língua padrão seja ensinada e valorizada na escola.

Não se deve impedir e nem criar obstáculos para os dialetos, porém estes não podem fugir da língua padrão, da gramática, a ponto de tornar-se incompreensível, aí já seria errado. Portanto, ensinando a língua padrão é possível manter uma unidade na linguagem nacional.

Evitando assim que os dialetos se tornem línguas independentes.

Obs. Mantida a grafia original.

ANEXO 4

2 - Você acha que a Língua Padrão deve ser ensinada na escola? Por quê?

Professor “B”

Evidentemente que sim, pois sabemos que a língua é a “pátria de um povo”. Às vezes, nos confundimos ao dizermos que não devemos cobrar do aluno, mas somos responsáveis para estarmos transmitindo esse conhecimento ao aluno.

Entretanto, a gramática ela pune de maneira categórica aqueles não a domina e isso dificulta o aprendizado do aluno, c/ já dizia Luis Fernando Veríssimo “A gramática é o esqueleto da língua”, e como tal, uma depende da outra para que possa estar em sintonia. Não dá para separar a gramática da língua. Sabemos também que, nos concursos de vestibulares, enem, entre outros eles visam avaliar o conhecimento dentro da Língua Portuguesa é o seu próprio domínio, ou seja, que o aluno seja capaz de ler e interpretar textos, que conheçam a norma culta...etc, e por ai vai.

Portanto, o aluno já possui essa gramática internalizada, o que precisa é trabalhá-la dentro dos “moldes” padrão da norma culta.

Os alunos responderam apenas à segunda questão, vamos as respostas.

Obs. Mantida a grafia original.

ANEXO 5

Você acha que a Língua Padrão deve ser ensinada na escola? Por quê?

Aluno "A"

Faz parte do português, embora seja um pouco complicado p/ aprender. A gramática tem seu papel fundamental.

Sendo o português derivado de outros idiomas tráz muitas palavras com grafia idêntica e sentidos diferentes. Que só podemos saber do que se trata se tiver bem pontuado ou na ordem de concordância, caso contrário. O leitor fará confusão na interpretação do texto.

Por exemplo a palavra (manga) se não tiver uma concordância do verbo, adjetivo ou outras classes gramaticais como poderemos saber do que se trata

há várias palavras com este nome Ex = manga de eixo, manga de camisa, manga de chuva, manga fruta etc.

outro exemplo a palavra casa.

casa = residência

casa = casamento

Sem o devido conhecimento poderíamos trocar s por z ou até mesmo colocar um acento em casá.

Diante do que sei é muito importante sim.

Obs. Mantida a grafia original.

ANEXO 6

Você acha que a Língua Padrão deve ser ensinada na escola? Por quê?

Aluno "B"

Como estudante aprovo, o estudo da gramática na escola.

É, uma matéria que nos ensina a linguagem correta, e uma escrita legível.

Precisamos da gramática no trabalho, porque devemos estar prontos para enfrentarmos grandes profissões como: Advocacia, Pediatria, doutorado e outras profissões importantes

O mundo precisa da gramática, para a melhora de vida das pessoas que tem o estudo praticamente do todo.

Analisaremos os dados obtidos na pesquisa por partes, primeiro as respostas dos professores e depois a resposta dos alunos.

Obs. Mantida a grafia original.